



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



De novo na Expointer

Mais uma edição da Expointer e mais uma vez um evento na semana da feira maior gaúcha se destacou: o almoço de confraternização dos jornalistas com a diretoria do Banrisul, presidente Fernando Lemos à frente. O dirigente enfatizou que o agro gaúcho é forte e não está quebrado como querem alguns, mas o governo federal precisa urgentemente regulamentar a MP que trata da renegociação das dívidas.

Vítimas de golpes

Colunista de um grande jornal econômico escreve artigo com o título “Por que tanta gente cai em golpes?” De firma cartesiana, dá para dividir esse grande público em dois blocos: os que acreditam em Papai Noel e os que querem ganhar dinheiro fácil. Talvez seja a maioria.

Sui generis

Expressão latina que significa “de seu próprio gênero” ou “único em sua espécie”. O Brasil se enquadra neste título por uma série de razões, mas uma delas é querer diminuir a carga semanal de trabalho dos assalariados sem aumento de produtividade. Nem o maná bíblico caindo dos céus foi tão milagroso.

O civismo que desapareceu

Gramado ressuscita o que está morto e sepultado há muito tempo em cidades do Interior e da própria Capital: os desfiles cívicos da Semana da Pátria. Quem tem cabelos brancos lembra com saudade e tristeza da Parada da Mocidade, realizada dia 2 de setembro, do tradicional desfile de 7 de Setembro, do acendimento da Pira da Pátria no Parque da Redenção, chama trazida a pé por atletas desde as margens do Ipiranga e de lá para todo o Brasil. Pátria amada, hoje não se cultua mais, se afana dela.

PREFEITURA DE GRAMADO/DIVULGAÇÃO/JC



Cheirinho de pizza no ar. O ministro do STF Gilmar Mendes disse que a culpa da crise do Supremo é do seu colega André Mendonça. Facilita e vão culpá-lo pela insolvência do Banco Master.

HISTORINHA DE SEXTA

Parece que foi ontem

Certo, não é pra tanto, porque completar 58 anos de jornalismo tem que ser visto pelas mentes de mais de meio século. Mas posso garantir que lembro perfeitamente do dia em que o jornalista Ademar Vargas de Freitas, colega da Faculdade de Jornalismo da Ufrgs, me encontrou na entrada do Centro Acadêmico Franklin Delano Roosevelt para dizer que havia uma vaga para repórter da madrugada na Zero Hora.

Só fui pensar no tamanho da empreitada depois de agarrar a chance com duas mãos, e tinha a ver com carga horária. Afinal, eu trabalhava na secretaria da gerência de um banco, o Província, no tempo em que os juros bancários eram 3,2% ao mês, sendo 0,2% de IOF. Já naquele tempo, o governo mordida seus cidadãos.

Duque de Caxias, 533, Alto da Bronze, segundo andar, apê 21. Bronze teria sido uma mulher que se postava na janela de um sobrado, de onde contava as últimas fofocas do bairro. Foi isso que me ensinaram na faculdade e eu gostava de pensar que, de onde eu morava, poderia ter ouvido a fofocalhada da tal mulher. Teria dado boas matérias.

Boas matérias é que não faltavam nas madrugadas de 1968, na cidade que nem tinha 400 mil habitantes, bondes barulhentos e duas sinaleiras entre a redação, na rua Sete de Setembro, e o bairro Ipanema, na Zona Sul.

Os automóveis nacionais começaram a ser cada vez mais vendidos e, da janela da Bronze, quem sabe - eu pensava -, se eu tivesse grana (e mesmo com dois empregos, ainda não era uma realidade palpável), eu não teria garagem para meu carro que, um dia, se Deus me ajudasse, teria um. Com canos retos e sem surdina, e direção de carro de corrida.

Se Deus realmente tivesse olhos para mim, mandaria o Banco da Província multiplicar meu salário por 10. Uma colega de faculdade, a Genoveva, me contou anos depois que eu dizia: “se pelo menos eu ganhasse 2 mil”, daria para brincar contra os 600 que ganhava.

Mas não era dinheiro pouco. Dava para comer melhor que a gororoba gosmenta do RU, podia almoçar no Matheus e jantar picadinho com farofa ou um filé alto com aspargos na manteiga no Stylo's Bar, na Independência. E comprar umas roupinhas novas e discos. Dúzias deles.

Pelo jeito o Senhor não me ouviu, ou os diretores do banco eram pão-duros renitentes como Ebenezer Scrooge, do escritor Charles Dickens. Restava ganhar bem como jornalista, mas eu sabia que na profissão que escolhera “ganhar bem” era inexistente.

Mas era o que eu sabia fazer. Escrever dava uma liberdade de imaginação. Bancário, não. Entre slips, livro razão e duplicatas, a vida me parecia monótona como contar quantos paralelepípedos tinha na largura da rua do meu prédio na Duque.

Sair da ZH às 7 horas da manhã, correr até a faculdade, almoçar correndo, ir para o banco às 12h30min e dele sair às 18h45min, comer um mata-fome e dormir três horas para pegar pesado antes da meia-noite, bem, meu cálculo era que em algum tempo eu poderia pegar o horário dos meus sonhos - das 19h até meia-noite, para depois ir para a noite, se Deus quisesse - às vezes ele não queria.

Magro como espeto de churrasco que fez dieta, dormindo de pé, olheiras profundas, mas podem acreditar numa coisa: eu era feliz pra caramba.

Biocombustíveis em Porto Alegre

Maior fabricante de biocombustíveis do Brasil, a Be8, de Passo Fundo, assinou contrato com a prefeitura de Porto Alegre durante a Expointer, para abastecer a frota de ônibus da Capital. Em um primeiro momento, será realizado um teste a partir do Be8 Bevant, que pode substituir integralmente o diesel convencional sem a necessidade de adaptação em motores e reduzindo emissões de CO₂.